



Fortalecer no mundo todo a campanha de apoio incondicional aos palestinos!

Pela derrota total do sionismo e do imperialismo ianque!



A trégua firmada entre o estado sionista de Israel e o Hamas, que completou seis dias, com trocas de israelenses por palestinos detidos, na proporção de 1 para 3, foi uma conquista diante do sionismo genocida. Lembremos de que houve 1) apoio geral das massas oprimidas mundiais aos palestinos, contra o genocídio promovido pelo Estado de Israel; 2) apoio dos países árabes da região aos palestinos, até mesmo de aliados dos Estados Unidos; 3) crítica de organismos internacionais ao genocídio, desqualificado enquanto “direito de defesa” pretendido supostamente por Israel; 4) movimentos dos explorados para sabotar o envio de insumos militares a Israel (Bélgica, Espanha, etc.); 5) movimentos de massa destinados a alistamento de voluntários para ajudar os palestinos a combaterem Israel (Irã,

lêmen); 6) movimentos de judeus antissionistas nos Estados Unidos e em outros países, em apoio aos palestinos. Tudo isso em oposição aos discursos da mídia mundial pró-imperialista e pró-sionista, que insiste na ultrarreacionária defesa do genocídio.

A libertação dos palestinos presos revelou que entre eles havia crianças e adolescentes, além de mulheres e homens, sem nenhum tipo de formalização de julgamento, na verdade, nem mesmo de acusação. Prisões por jogar pedra em tanques, ou apenas por apoiar o Hamas estavam em pleno vigor no estado sionista, ações típicas de uma ditadura, desconhecendo até mesmo as formalidades das instituições democrático-burguesas.

Durante o bombardeio sobre a Faixa de Gaza, noticiou-se que existem reservas de minérios pe-

trolíferos, suficientes para, em caso de exploração, fornecerem rendimentos de cerca de US\$ 580 bilhões anuais. Esse elemento desnuda a ação genocida de Israel, mostrando o interesse econômico de exploração das riquezas naturais da região, à custa do genocídio do povo palestino, que vem sendo empurrado para o Sul, às centenas de milhares e sob bombardeio, numa expulsão de toda uma nacionalidade, tal qual o nazismo promoveu na 2ª guerra mundial.

A expulsão dos palestinos de suas terras tem uma história de 75 anos. O imperialismo a promoveu, desde o fim da 2ª guerra mundial. A constituição de um enclave dos Estados Unidos na região de maior produção de petróleo mundial teve sempre como objetivo preservar militarmente o controle e a opressão imperialistas por cima dos pa-



íses da região. A farsa foi montada a partir de uma falsificação de “devolução” das terras palestinas aos judeus, expulsos dali pelo Império Romano. Os dados mostram que 88,9% dos judeus estavam entre a Polônia e a URSS, até a década de 1980, a maioria restante estava nos EUA. Foi promovida pelo imperialismo uma migração artificial em massa, após já décadas de conformação de um enclave militar na Palestina. Trata-se de um estado burguês implantado de forma artificial, à custa do esmagamento da nação palestina. Por isso, não é possível haver paz entre os genocidas e os esmagados por eles. Somente o fim do Estado sionista e a constituição de uma Palestina autônoma e independente pode terminar com a opressão nacional sobre essa nação. E isso não serão capazes de fazer nenhuma das frações da burguesia local, é uma tarefa da revolução proletária, que erguerá um governo operário e camponês e abrirá a transição ao socialismo, numa unidade federativa socialista no Oriente Médio.

A luta para defender imediatamente a nação palestina contra o massacre que promovem o estado sionista e o imperialismo estadunidense é de todas as massas oprimidas no mundo. O proletariado mundial tem sua trincheira de luta, e é erguida sempre e em

toda parte contra a opressão imperialista, sem condicionantes. A tarefa hoje é estar ao lado do Hamas, sem apoiá-lo politicamente e mantendo a independência de classe, pela derrota total de Israel e dos EUA na região.

Os Estados Unidos são o ponto mais crítico da crise mundial capitalista. O capitalismo em decomposição já não tem mais como avançar as forças produtivas a partir da recomposição da destruição realizada pela 2ª guerra mundial. Esse período está encerrado, nas últimas décadas, as potências imperialistas recuam a cada ano na fatia de produção industrial e agrícola, enquanto os estados operários degenerados avançam e lhes tomam mercados em toda parte. Esse choque, entre as economias imperialistas em retrocesso, e as economias nacionalizadas pelas revoluções proletárias e sob controle de burocracias contrarrevolucionárias, condiciona a guerra comercial e as tendências bélicas mundiais.

É por isso que os EUA atacam o Sul do Líbano e regiões da Síria, provocam a China e a Coreia do Norte com incursões aéreas e navais, trazem dois porta aviões e outros navios, e frota aérea para perto do Irã, etc. E a Rússia e a China pressionam seus aliados para não aceitarem provocações e se manterem “em paz”. Os EUA têm



todo o interesse em ampliar as zonas de guerra, para impulsionar a indústria armamentista que sustenta sua economia atualmente. E a Rússia e a China, avançando suas relações comerciais no mundo, rejeitam enquanto podem a guerra. Num momento mais adiante, serão obrigadas a responder militarmente. Os EUA contam com isso, para destruir maciçamente as forças produtivas e reativar artificialmente sua economia.

A luta contra o genocídio em Gaza é um passo na luta anti-imperialista em toda parte. Somente o fortalecimento da mobilização das massas poderá pressionar pela extensão da trégua e fim dos bombardeios sobre Gaza. É preciso levantar o proletariado mundial em defesa dos palestinos e em combate ao imperialismo. A defesa das reivindicações mais sentidas pelas massas oprimidas permite unificá-las num movimento único, pois, seu atendimento se opõe frontalmente às imposições do capital financeiro parasitário em todos os países. É preciso ir às fábricas, demais locais de trabalho, estudo e moradia, ir ao campo e às reservas indígenas, e defender a unidade total contra o imperialismo e seu enclave no Oriente Médio, o Estado de Israel. Assim avançaremos em direção à revolução proletária e ao socialismo.